

Eleição



FIF BMC Renda Fixa - 60 Dias

Juiz de Fora antecipa eleição de 98

A cidade tem cartazes lançando Itamar Franco para a presidência da República

por César Felício
de Juiz de Fora

Em pelo menos um lugar do Brasil a campanha presidencial para 1998 já começou. Desde a semana passada, a cidade de Juiz de Fora, terceiro maior colégio eleitoral de Minas Gerais, com 280 mil eleitores, está coberta de outdoors que anunciam: "Itamar-98, Presidente", abaixo da foto do ex-presidente Itamar Franco, que aparece em uma montagem ao lado do candidato do PMDB a prefeito, o ex-deputado Tarcísio Delgado.

"É ridículo. Até parece que uma vitória ou derrota do Itamar aqui muda o quadro político nacional", resmunga o principal adversário de Delgado, o candidato do PSDB Reginaldo Arcuri, que está em segundo lugar nas pesquisas, atrás do preferido de Itamar. É exatamente nisso que o fiel grupo que segue o hoje embaixador brasileiro na Organização dos Estados Americanos (OEA) aposta.

"O Itamar apóia o PMDB aqui porque sabe que o PSDB nacional quer lhe tirar espaço. Especialmente em São Paulo, querem comer o seu fígado, tendo o pâncreas como acompanhamento", exagera o ex-presidente da Centrais Elétricas de Furnas, Marcello Siqueira, um dos raros "itamaristas" no PSDB.

Fiel ao seu estilo, a participação de Itamar na campanha de Delgado é discreta, mas definitiva. Ele pretende ir à cidade no dia 29 para um encontro com o candidato e para votar na seção eleitoral em frente da sua residência, como fazia enquanto era presidente. Em nenhum momento gravou mensagens para o horário eleitoral ou mesmo fez uma declaração escrita de voto. Ele autorizou, contudo, seus amigos e antigos colaboradores, como o ex-ministro Mauro Durante (Secretaria Geral), Djalma Moraes (Comunicações), Maurício Hingel (Educação) e o próprio Siqueira, a divulgarem a sua opção.

De início, Itamar não queria comprar briga com o governador mineiro, Eduardo Azeredo, e até aceitou recebê-lo em Lisboa, quando ainda era embaixador em Portugal, para discutir uma chapa apoiada por ambos em Juiz de Fora. Sobre o teor dessa conversa, em abril, é que aparecem duas versões. "O tempo todo procuramos por um consenso, fosse com o PSDB ou com o PMDB encabeçando a chapa. Lamentavelmente, os companheiros do PSDB de Juiz de Fora entenderam de maneira diferente e não foi possível a união. A campanha, então, segue o seu fluxo natural e Itamar, por não ter partido, não pode se sentir derrotado se o PSDB ganhar", afirma o governador.

"O Itamar concordava em apoiar o PSDB, desde que o candidato fosse o amigo Marcello Siqueira. Mas o Siqueira foi vetado por ser um nome muito identificado com o ex-

presidente. O PSDB preferiu, então, indicar o Arcuri, que era secretário de Indústria e Comércio do governador e totalmente identificado com ele", diz Delgado, em versão confirmada por Marcello Siqueira.

Ex-prefeito da cidade e duas vezes derrotado nas eleições locais, Delgado passa o tempo explicando que já está de relações totalmente reatadas com o ex-presidente. Eles estiveram rompidos por sete anos. Em 1986, quando Itamar saiu do PMDB para ser candidato a governador pelo PL, Delgado era prefeito e recusou-se a apoiá-lo. Em 1992, Itamar deu o tro-

co. Um dia antes da eleição municipal, quando tomou posse como presidente no lugar de Fernando Collor, ele declarou o seu apoio ao atual prefeito, Custódio de Mattos, do PSDB, levando Delgado à derrota.

De bem com Itamar, Delgado segue tranquilo em primeiro lugar. Pesquisas da Universidade Federal de Juiz de Fora mostram que o ex-presidente é o maior eleitor da cidade. Dos eleitores, 31% admitem que votariam em quem Itamar indicasse, sobre 26% que escolheriam o candidato do governador Azeredo ou do prefeito Custódio. As sondagens mostram

Delgado variando de 29% a 33% e Arcuri, entre 21% e 24%.

"Não era para ser assim. Eu me preparei para uma eleição municipal e não para um plebiscito sobre a imagem de Itamar Franco", lamenta Arcuri, que para combater a influência do ex-presidente lança mão do fato de ter trazido a montadora Mercedes-Benz para a cidade. O uso é tão explícito que até diretores da companhia alemã e o seu logotipo aparecem no horário eleitoral. Arcuri chega a afirmar: "A história da Mercedes só saiu porque a minha mulher é prima-irmã de um diretor da empresa".